

‘Balde de água fria’ para o consumidor

Para Miguel Oliveira, da Anefac, um corte de juros seria um alento e estimularia compras

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Pode parecer que a decisão do Banco Central de manter a taxa Selic em 16% ao ano não muda muita coisa na vida dos cidadãos comuns. Mesmo que o BC cortasse 0,5 ponto porcentual na taxa, isso significaria centavos de economia em prestações ou cheque especial. Mas, na realidade, um corte de juros, mesmo que fosse ínfimo, seria um sinal positivo. Se a taxa caísse, muitas pessoas ficariam mais otimistas e poderiam resolver se endividar para comprar uma geladeira, por exemplo. Comprando a

geladeira, a pessoa estimula as lojas, que por sua vez fazem mais encomendas às indústrias, que contratam mais pessoas para ampliar a produção. Para especialistas, a manutenção da Selic aborta um círculo virtuoso.

“O BC acabou jogando um balde de água fria ao não cortar os juros”, diz Miguel Ribeiro de Oliveira, presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). “Foi uma decisão infeliz, frustrando o setor produtivo, o comércio e os consumidores, que esperavam um pequeno alento.” As taxas do cartão de

DECISÃO REDUZ AS ESPERANÇAS DE EMPREGO

crédito se mantêm em 215,22% ao ano; as do cheque especial, em 162,95%, e os juros do comércio ficam em 101,68%.

Em vez de círculo virtuoso, há risco de o País mergulhar numa onda de pessimismo. A ma-

nutenção da Selic traz um efeito psicológico, que sinaliza para os consumidores dias difíceis pela frente. “As pessoas pensam: não vou assumir dívidas, porque não sei se vou ter emprego com o

País desse jeito.”

A rotina da advogada aposentada Maria Eulina de Ulhoa Cintra, de 61 anos, não vai mudar hoje por causa da decisão do Copom. Ela não planejava

comprar nada a crédito – faz anos que não compra nada a prestação para evitar os juros. Mas a manutenção dos juros acaba reduzindo suas esperanças de encontrar um emprego. “Estou aposentada a contragosto”, diz Eulina. “Não sei muito sobre juros, mas sei que se as taxas caíssem, o País ia crescer, os empresários iam contratar e seria muito mais fácil encontrar um emprego.”

Oliveira acha que a decisão pode até levar a uma alta das taxas cobradas pelos bancos: “O mercado pode entender que o BC tem informações de uma inflação mais alta do que todos pensavam. Aí, os bancos vão pensar que não haverá redução de juros no curto prazo, o que vai aumentar a inadimplência – e isso pode fazer com que os bancos elevem suas taxas.”